

**ERGOLOGIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA INVESTIGAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE DOCENTE**

**Rosane Teresinha Fontana**

Doutora em Enfermagem. Docente na graduação e pós-graduação na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - campus Santo Ângelo.

E-mail:rfontana@urisan.tche.br

**RESUMO**

A ergologia tem o desígnio de compreender e transformar o trabalho, com foco na subjetividade e nas singularidades dos trabalhadores e vislumbra, entre outros, a economia corporal e psíquica. Este estudo abrange uma breve revisão narrativa acerca da implicação desta metodologia nas pesquisas que tencionam qualificar as condições de trabalho da prática docente. A revisão da literatura foi feita alicerçando-se em artigos pesquisados em bibliotecas virtuais.

**Palavras-chave**: Docência; Ergologia, Saúde

**1 INTRODUÇÃO**

Para responder os questionamentos feitos pelos operários ao modelo taylorista-fordista de organização do trabalho, surge a ergologia, originada na experiência pluridisciplinar de análise das situações de trabalho da Universidade de Provence – França, no final da década de 1970, tendo como seu principal mentor o filósofo e professor Yves Schwartz (BRITO, 2006). Trata-se de uma abordagem

“pluridisciplinar que estuda o trabalho em sua dimensão micro, utilizando-se de uma “lupa” e tentando entendê-lo a partir da atividade concreta de quem trabalha; tem como ponto de partida a distinção apontada pela Ergonomia entre trabalho prescrito e trabalho efetivamente realizado”(BORGES, 2004, p. 42) .

A ergologia reconhece que o trabalho é feito por alguém dotado de um corpo, com funcionamentos neuro-sensitivos e envolto em conformações que ultrapassam a pessoa física, pois estão inclusos no corpo o social, o psíquico, o institucional, as normas, os valores, a relação com as instalações, com os tempos, com os homens, etc. (SCHWARTZ e DURRIVE, 2008). É uma dialética que oportuniza espaços de problematização e aprendizagem mútua. Para isso é necessário compartilhar seu saber e reconhecer o saber do outro, disponibilizando-se a aprender.

Neste sentido, Schwartz propõe o Dispositivo Dinâmico de Três Pólos, configurado pelo pólo das disciplinas ou dos saberes disponíveis nas ciências; pelo pólo dos saberes constituídos na atividade e pelo pólo que prevê o ‘desconforto intelectual’, uma espécie de incômodo frente aos saberes investidos no trabalho e os saberes organizacionais/científicos, para que se possa progredir nos dois planos (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007). É um plano que faz os outros pólos trabalharem para produzir um saber inédito sobre a atividade humana (SCHWARTZ, 2006; SCHWARTZ e DURRIVE, 2008).

Para Schwartz, toda atividade envolve ‘uso’; seja ‘uso de si por si’, ‘uso de si pelos outros’, e ‘uso do corpo-si’. Atividade, nesta perspectiva, pressupõe debater as normas prescritas a fim de fazer de outra forma, com o intuito de transformar o trabalho prescrito em real e permitir a economia corporal física e psíquica do trabalhador. O ‘uso de si’ refere-se ao sujeito sendo convocado em toda a sua subjetividade. O ‘uso de si pelo outro’ representa as condições históricas que são dadas e produzem subjetividade e, de certo modo, reporta ao fato de que em todo o universo da atividade de trabalho reinam normas que conduzem a relações de desigualdade, de subordinação e poder. E o ‘uso de si por si mesmo’ refere-se ao uso que cada um faz de si mesmo nas renormatizações[[1]](#footnote-1) singulares da atividade humana (BORGES, 2004).

Para Schwartz e Durrive (apud SOUZA, 2014), as microtentativas de mudanças no trabalho envolve um debate de normas: existem escolhas que são feitas pelos trabalhadores na situação real e cotidiana de trabalho. Nessa perspectiva, diante de normas antecedentes (aquelas que são impostas), os trabalhadores recriam estratégias, em um movimento permanente e criativo (BRITO, 2011 apud SOUZA, 2014, p.297).

Não estabelecer conexão entre esses ‘usos’, é conceber o trabalhador como um ser passivo, reprodutor, que apenas sofre os impactos dos determinismos históricos, econômicos e sociais (SCHWARTZ E DURRIVE, 2007; BORGES, 2004). Para tanto, é preciso que se considere o protagonismo do sujeito que realiza a atividade, seus valores e sua história. Pela disciplina ergológica, somente quando houver a tentativa de desdobramento das ‘dramáticas’ entre o local e o global é que se pode pensar em meios de modificar o trabalho e/ou aquilo que incomoda e provoca sofrimento.

Sob a perspectiva da ergologia, muitos docentes encaram no cotidiano de seu trabalho alguns sofrimentos/‘dramáticas’, pois lidam com a constante variabilidade de um meio que é infiel, com lacunas, ao mesmo tempo em que precisam decidir, arbitrar, buscar o equilíbrio admissível entre o ‘uso de si’ solicitado e o ‘uso de si’ consentido. Esse ‘uso de si’, não raramente, é determinado por escolhas que são arbitradas por valores de dimensões antagônicas. Porém, mesmo sob a pressão de uma sociedade fortemente marcada pelas relações de produção, regulada pelo capital, esses sujeitos buscam, mediante seu trabalho, “humanizar um meio tendente à desumanização, socializar espaços tendentes ao individualismo, promover a conscientização de indivíduos que estão se moldando segundo paradigmas massificadores”(ROSSETTO, 2010, p. 96).

Considerando que a ergologia tem o intuito de compreender e transformar o trabalho, com foco na subjetividade e nas singularidades dos trabalhadores e vislumbra, entre outros, a economia corporal e psíquica, essa abordagem, sob o alicerce dos aportes elaborados por Schwartz, foi adotada como principal fonte de inspiração para esta reflexão, com a intenção de fornecer uma proposta epistemológica para pesquisadores das áreas da educação, ensino e saúde

 Isto posto, o objetivo deste estudo é propor uma reflexão sobre a ergologia e a interface com a pesquisa, de modo a fornecer elementos para profissionais do ensino, da educação e da saúde, acerca do uso de uma metodologia emancipatória que contribua para a qualidade da prática docente.

**2 METODOLOGIA**

 Optou-se por realizar uma breve revisão acerca da interface da ergologia com a pesquisa, no intuito de despertar o interesse de pesquisadores para uma metodologia de *empowerment* na área do ensino, educação e saúde. Trata-se de uma revisão narrativa, apropriada para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual, sem a necessidade da sistematização sobre as fontes de informação e a metodologia usadas para busca das referências, nem os critérios empregados na avaliação e seleção dos trabalhos. Constituem-se de uma análise da literatura divulgada em livros, artigos publicados em periódicos e na interpretação e análise crítica pessoal do autor (NOBRE, BERNARDO e JATENE, 2004, *apud* ROTHER, 2007).

**3 DISCUSSÃO**

Na circulação de saberes e valores das propostas educativas, as “relações de saber” estabelecidas na escola não são alheias aos atores envolvidos, estudantes e docentes. Ambos são atores sociais, intervindo e recriando a proposta educativa de acordo com as especificidades do contexto em que estão inseridos. Constitui-se, neste cenário, a emergência de um novo paradigma. A instituição de ensino, enquanto realidade organizacional é produzida pelos comportamentos e pelas interações dos seus membros, sendo assim, “não pode ser definida de forma redutora, nem como um território delimitado por fronteiras físicas, nem como um agregado biológico (Canário, 2005,p. 52 *apud* Godinho e Fischer*, 2013*).

Diante disso, não se pode negligenciar a participação do docente nas reflexões acerca das condições de trabalho e suas associações com a prática, a qualidade de vida e a saúde física e mental, bem como nos processos de formação pedagógica. Nessas discussões, não se pode apagar sua experiência, pois o trabalho se dá no cotidiano, enquanto a vida transcorre, mobilizando corpo, mente e espírito, conforme pressupõe a ergologia.

 Os cursos de formação, por exemplo, devem ter o cuidado de possibilitar questionamentos das realidades atuais nas escolas, sem omitirem os desafios vivenciados nesta atualidade e, junto a isso, devem compreender que a formação continuada não pode negligenciar a outra formação, que acompanha o professor em todo o tempo de sua trajetória profissional, a formação pelo/no trabalho (PASCHOALINO, 2010), o que implica em dizer que a experiência do trabalhador não deve ser descuidada em toda e qualquer situação ou processo formativo. O sujeito é o protagonista de sua vivencia e somente ele pode legitimá-la.

Em se tratando de investigar os processos cotidianos para preservar a saúde do docente o uso desta metodologia pode ser significativo para a melhoria das condições de trabalho sob a perspectiva de quem vivencia a atividade. Estudar/discutir o trabalho sem implicar o protagonismo a quem o desenvolve e *o lócus* do processo educativo, torna a investigação vazia e inútil.

 Num estudo sobre a análise da atividade de uma professora de Educação Física em sua primeira experiência como docente em uma escola pública que buscou compreender como são concebidas as estratégias no cotidiano escolar que permitiram à professora produzir saúde e escapar ao adoecimento, os dados foram colhidos por meio de conversas informais, diário de campo, registros de reuniões pedagógicas, momentos de planejamento, observação de aulas, entrevista, e serviram para a problematização do tema, que, sob os aportes da ergologia produziu conhecimentos acerca da atividade humana no trabalho. Buscando suprir as deficiências da formação e marcar seu lugar na escola, a professora mobilizava táticas, reorganizava o tempo, jogava com as lacunas das normas para se manter e garantir qualidade no trabalho, ou seja renormatizava sua atividade. Os trabalhadores se ajustam às normas, ‘infringem’, inventam novas normas, isto é, renormatizam permanentemente, por meio da atividade. “Isso significa que há vida, significa a possibilidade de não se deixar dominar inteiramente pelos organogramas prescritos nas escolas” (ALMEIDA, HECKERT e BARROS, 2011, p.258) e garantir economia corporal.

Estudo que analisou estratégias para manutenção da saúde pela atividade docente, utilizou entrevistas com seis professores do Ensino Fundamental que desde a posse no cargo de professor não se afastaram de suas atividades por motivos de doença. O objetivo foi descobrir quais as estratégias utilizadas por estes docentes para manutenção da saúde e seus relatos foram analisados por meio do referencial ergológico proposto por Yves Schwartz. Foi identificado que “professores saudáveis” criam e recriam estratégias para solucionar problemas no cotidiano de trabalho (VIEIRA Jr e SANTOS, 2011).

 Na confrontação entre a subjetividade e as normas antecedentes do trabalho, os educadores produziam renormatizações que esclareciam o êxito na busca e manutenção da saúde. Os professores desse estudo, citaram a realização de atividades em pequenos grupos, como recurso para minimizar os desgastes físicos e da voz, em especial nas sextas-feiras e finais de semestres; afirmaram que a espiritualidade os auxiliava na realização da atividade docente; confirmaram mudar constantemente as atividades em função de alguma demanda dos alunos (sexualidade, uso de drogas, violência, etc.) e em sua maioria praticavam esportes e referiram práticas de lazer para combate ao estresse. Vale ressaltar que, como estavam insatisfeitos com os baixos salários e o pouco reconhecimento, para diminuir essa insatisfação, reivindicavam seus direitos ao participar dos movimentos por melhores salários e condições de trabalho (VIEIRA Jr e SANTOS, 2011).

Realizando quatro encontros com o coletivo da escola, um estudo (DIAS et al, 2013) apontou questões dificultadoras do trabalho docente e questões que o potencializavam. Do confronto de ideias emergiram os conflitos cotidianos e novas maneiras de realizar o trabalho docente, além da construção de estratégias que permitissem superar o que ali se apresentava como sofrimento, situação que permite refletir que, diversamente da visão hegemônica, a qual associa saúde à manutenção de certas condições biológicas e ambientais, a intervenção demonstrou que os processos de saúde estão atrelados à potência do vivo, na possibilidade de criar e recriar normas que permitam melhor lidar com um meio que a todo o momento se transforma, incitando novas criações.

Poder intervir nos processos e na organização do trabalho, provocando mudanças e reformulações pelos diversos sujeitos que o vivenciam, significa estar no trabalho, considerando a variabilidade dos ambientes laborais e a potência criadora dos humanos. Formas verticalizadas de gestão produzem sentimentos de desqualificação da atividade, acarretando adoecimento e inoperância/apatia(DIAS et al, 2013).

A ergologia, portanto, propõe uma releitura das concepções de trabalho, demarcando conceitos de ação e atividade, tendo por escopo abordar o trabalho a partir da vivência daquele que trabalha e articular a relação estabelecida entre a pessoa e o meio, considerando os saberes de disciplinas como a sociologia, a psicologia, a filosofia e, especialmente, aquelas às quais a ergonomia presta uma estreita colaboração, como, por exemplo, a psicodinâmica. Trabalhar, de acordo com os pressupostos da ergologia, é atividade de seres humanos situados num tempo e num espaço e que ocorre no “acontecendo” da vida (BORGES, 2004).

[...] É preciso abandonar o paradigma das dualidades – do bem e do mal, do positivo e do negativo, do materialismo e do humanismo, do capitalismo e do socialismo. Abandonar paradigmas que nos deixem aprioristicamente aprisionados a conceitos que não aproximam, mas que distanciam e que buscam enquadrar a atividade singular a conceitos pré-estabelecidos que generalizam (ROSSETTO,2010,p.96)

**4 CONSIDERAÇÔES FINAIS**

Diante do exposto, é oportuno reforçar sobre a importância da ergologia nas pesquisas que intentam em transformar os ambientes de trabalho. É necessária a atenção às concepções de quem vivencia a atividade, suas experiências e sua história, e as (re)normatizações advindas do cotidiano laboral. Para a mudança é preciso compreender que

Isto posto, entende-se que a ergologia, sendo uma metodologia que promove a participação e cogestão de quem trabalha, pode ser útil nas investigações da área da educação e ensino, com vistas a melhorar a qualidade do processo educativo e a saúde do docente, pois constitui-se numa abordagem que favorece melhor conhecer e intervir sobre as situações de trabalho, a atividade, de modo a transformá-la. Reconhece o trabalho como uma atividade e não como mera ação, pois enquanto a ação tem um inicio e um fim determinados, a atividade é um impulso de vida, de saúde, sem limite pré definido, que liga tudo o que se representa separadamente, tais como o corpo e o espírito, o individual e o coletivo, o imposto e o desejado, o biológico e o cultural (SCHWARTZ , 2006; SCHWARTZ e DURRIVE, 2008). A tomada de decisões sobre o que é bom e o que não é no seu cotidiano, só podem ser legítimos a partir da discussão coletiva com os saberes e com as vivências desses sujeitos.

**5 REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, U.R.; HECKERT, A.L.C.; BARROS, M.E.B. Nas trilhas da atividade: análise da relação saúde-trabalho de uma professora de educação física escolar. .**Trab.Educ.Saúde**, v.9,supl.1,p.245-263,2011

BRITO, J,E. **Reflexões epistemológicas sobre a ergologia. Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação – FaE/UFMG**. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Minas Gerais, 2006

BORGES, M.E.S. Trabalho e gestão de si: para além dos “recursos humanos”. **Cad. Psicol Soc Trab** [Internet]. 2004 [citado 2010 Mar 27]. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo>.

DIAS, D.S. et al. As dores e delícias do trabalho docente: uma análise do trabalho. **Trabalho & Educação**, v.22, n.2, p.169-181, mai./ago, 2013

GODINHO, A.C.F.; FISCHER, M.C.B. Circulação de saberes e valores em sala de aula: “usos de si” por alunas da educação profissional integrada à EJA **Educação em foco**, n. 21, p. 119-145, 2013.

NEVES, T,P. As contribuições da ergologia para a compreensão dabiossegurança como processo educativo: perspectivas para a saúde ambiental e do trabalhado. **O mundo da saúde**. v.32,n.3, p.367-375, 2008.

PASCHOALINO, J.B.Q. **Formação de professores: romper com o silenciamento e construir novos entimemas** – UFMG e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte –MG, 2010 [Acessado em 2015 mar 22]. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT08-6366--Int.pdf>

ROTHER, E.T. Revisão sistemática x Revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**; v. 20, n.2, p 5-6, 2007.

ROSSETTO, M.S. **Usos de si e circulação de valores no trabalho docente: as dramáticas de uma potência desvelada na atividade** [Dissertação], Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de pós-graduação em educação. Mestrado em Educação, São Leopoldo (RS), 2010.

SANT'ANNA, S.R.; HENNINGTON, É.A. Micropolítica do trabalho vivo em ato, ergologia e educação popular: proposição de um dispositivo de formação de trabalhadores da saúde. **Trab. educ. saúde** , v. 9, supl. 1, 2011 .

SCHWARTZ, Y. Entrevista com Yves Schwartz. **Trab. Educ. Saúde**, v.4, n.2, p. 457-66, 2006.

SCHWARTZ, ; DURRIVE, L. **Glossário da ergologia**. Laboreal 2008 [acesso: 2009 Jan 20] IV(1):23-8. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php>

SCHWARTZ, Y, DURRIVE, L. **Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana.** Niterói: Ed UFF; 2007.

SOUZA, K,R. Mudanças necessárias no trabalho em escolas: a visão dos profissionais da educação e o enfoque da saúde do trabalhador. **Educação em Revista**, v.30,n.03,p.291-313, 2014

VIEIRA Jr PR, SANTOS EH. Renormalizações: estratégias para manutenção da saúde pela atividade docente. **Revista Profissão Docente**, v.11, n. 23, p 103- 126, 2011

1. Alguns pesquisadores, que mantêm interlocução com Schwartz, preferem a tradução do conceito de “renormalization” por “renormatização” e não “renormalização”, como comumente é usado, tendo em vista realçar a “capacidade humana de criar novas normas de vida[...]. A expressão “renormalização”,em português, pode dar a falsa ideia de retorno à normalidade, não expressando a intenção do autor” (144, p.18). Assim, neste estudo, optou-se pelo uso do vocábulo “renormatização”. [↑](#footnote-ref-1)